

IMORTAIS DA ACADEMIA
EPISÓDIO 21 – ENTRE O CÂNONE E A LIBERDADE

01:00:17:12

ABERTURA

01:00:22:07

OFF

Quarenta cadeiras que acolhem passado e presente,
Arte e ciência, pensamento e memória,
Legando o que há de mais notável na literatura brasileira.
A cada episódio, uma cadeira a revelar gerações de brasis.
Sob o teto da Academia Brasileira de Letras,
Assenta-se o nobre e glorioso domínio da imortalidade.

01:01:02:21

VIDEOGRAFISMO – Imortais da Academia

01:01:18:09

MARIA TERESA GONÇALVES PEREIRA – Doutora em letras

O Paulo Coelho é um fenômeno. E fenômenos aparecem, uns aparecem e desaparecem, e ele ainda está aí até hoje, fazendo mais sucesso talvez agora, atualmente, fora do Brasil do que no Brasil, enfim, mas tem uma legião fiel de fãs, mas o que eu acho é que a Academia tem que se abrir a quaisquer manifestações estéticas, porque isso é que enriquece. Não é o acervo **aí cultural** de um país.

01:01:56:23

VIDEOGRAFISMO – Cadeira 21: Entre o cânone e a liberdade

01:02:04:04

MARIA TERESA GONÇALVES PEREIRA – Doutora em letras

A polêmica Paulo Coelho continua. Desde o aparecimento do Paulo Coelho, até a trajetória do Paulo Coelho, a tudo que aconteceu pra fazer com que o Paulo Coelho se tornasse uma celebridade. Isso é uma polêmica, e eu acho essa polêmica sensacional. Porque que eu acho essa polêmica sensacional? Primeiro que eu acho que o motivo de discussão, e quando a gente reflete e discute vem à tona determinados elementos que se não houvesse a discussão, a polêmica, não viria. E a entrada do Paulo Coelho na Academia Brasileira de Letras foi assim de uma oportunidade enorme, porque além de polemizar, de potencializar a polêmica, ele tem a sua área de influência. Eu acho que ele tem a sua forma de escrever, eu acho que ele tem os seus temas, mas sem dúvida alguma eu acho que de maneira nenhuma se pode ignorar o sucesso, esses milhões e milhões de livros vendidos do Paulo Coelho além fronteiras. E sem dúvida alguma “O diário de um mago” e “O Alquimista”, eu acho que têm elementos pra fazer com que haja discussões de todos os tipos. Mas o quê que é aquilo? Ele é um depoimento? Aquilo é uma experiência? Aquilo... Mas se esses dois livros que alavancaram o Paulo Coelho em direção a fama que ele tem, a celebridade que ele é atualmente, inegável, eu acho que tem alguma coisa importante.

Paulo Coelho – Posse em 2002

01:04:03:12

OFF

“Houve um momento de silêncio tão grande, que a cidade parecia ter adormecido. Já não havia mais os bazares, as discussões dos mercadores, os homens que subiam em minaretes e cantavam, as belas espadas com seus punhos cravejados. Já não havia mais a esperança e a aventura, velhos reis e lendas pessoais, o tesouro e as pirâmides. Era como se todo o mundo estivesse quieto, porque a alma do rapaz estava em silêncio. Não havia nem dor, nem sofrimento, nem decepção: apenas um olhar vazio através da pequena porta do bar, e uma vontade imensa de morrer, de que tudo acabasse para sempre naquele minuto.”

O Alquimista

Paulo Coelho

01:05:04:25

MARIA TERESA GONÇALVES PEREIRA – Doutora em letras

Eu acho que fica difícil ter outro fenômeno Paulo Coelho. Acho muito difícil. Eu não diria que escritores como o Paulo Coelho. Mas escritores que não fossem considerados, porque, aí a gente entra naquela estória da definição do quê que é considerado literatura.

01:05:30:17

FRANCISCO BOSCO - Ensaísta

As ideias predominantes sobre o que caracteriza a literatura ao longo do século dezenove, dezoito, dezenove, vinte, que são as ideias que configuraram o campo moderno, modernista e tal, em geral elas convergem para um ideia de literatura como uma criação textual e uma criação de perspectiva do mundo, que desafiam as formas tradicionais ou cotidianas de se usar a linguagem. Todo indivíduo alfabetizado está acostumado a lidar cotidianamente com uma massa de textos. Você abre um jornal, por exemplo, você vai na banca de jornal, você tem publicações, que são as publicações que perfazem assim, o que a gente poderia chamar de um cotidiano da vida do leitor. Uma certa média de escrita ali. Geralmente essas publicações, esse textos, eles têm, do ponto de vista sintático, uma frase que é mais direta, que espelha a forma como a gente fala cotidianamente. Do ponto de vista lexical, são as palavras que circulam cotidianamente. Do ponto de vista da representação do mundo, são as ideias que formam mais ou menos um censo comum, que as pessoas compartilham. E pra esse repertório moderno, a literatura é tudo que se distancia disso. Quanto mais literário for um texto, mais ele vai desafiar todas essas práticas habituais do leitor. Talvez o, aquilo que a obra do Paulo Coelho tenha de diferencial assim, o que ela, porque tem alguma coisa diferente ali. Não é todo mundo que vende milhões de exemplares ao redor do mundo. Talvez seja justamente a capacidade de identificar aquilo que o leitor espera. E dar a ele aquilo que ele espera. Agora, numa outra volta do parafuso, a gente teria que questionar o que há de paradoxalmente normativo nessa definição de literatura que eu apresentei. Porque essa definição moderna de literatura ela está ligada a determinadas classes sociais, a uma determinada experiência social do mundo, que é específica, e onde esses valores e critérios surgiram, e que ainda é a ideia, que está ligada a uma ideia de clássico.

01:08:02:14

MARISA MELLO – Doutora em história

Pra mim a definição de clássico da literatura brasileira é um escritor ou escritora consagrado em diversas instâncias. Então se você tem, seu eu fosse resumir aqui as instâncias de consagração, eu falaria da crítica, do público e do mercado. E porque que eu diferencio o mercado do público? Porque a venda não necessariamente ela expressa leitura. É muito difícil você dizer que um autor, claro que um autor que

vendeu cinco milhões de exemplares, você calcula que muitas pessoas leram. Mas você também não sabe, é muito difícil medir o alcance. Então pra mim o clássico é o escritor que conseguiu se consagrar nessas três instâncias. E público e crítica, em geral, discordam. Então se a crítica valoriza muito um escritor, em geral ele é um escritor com muita sofisticação formal, porque isso é um critério que a crítica utiliza, é um fator de consagração junto a crítica que é, a sofisticação formal, a qualidade formal das obras, enquanto que o público, por exemplo, vai falar mais de tema, até da capa, o tipo de estória que está se passando, o título do livro. Então o público, ele não se referencia nos mesmos critérios da crítica. Agora o clássico, eu acho que ele tem o sentido de permanência. Então eu acho que precisa de tempo pra gente avaliar. Por exemplo, Paulo Coelho seria um clássico da literatura brasileira? Pra mim ainda não. Primeiro lugar, porque a crítica vê a obra dele com muita ressalva, apesar dele ter um sucesso de público, então ele ter tomado o lugar do Jorge, o primeiro lugar do Jorge como escritor brasileiro mais vendido, tanto no Brasil, no final da década de oitenta, quanto no exterior, à partir dos anos dois mil. No entanto ele é um escritor menos consagrado. Mas o quê que acontece? As instâncias de consagração da literatura com os meios de comunicação e depois com as redes sociais, com o mundo virtual, elas vão se diversificando. Então você tem um número maior de instâncias. Onde o público vai tendo um papel mais preponderante, o que eu acho positivo, porque eu acho que quem tem que determinar mesmo são os leitores, a leitura. É a leitura que conta, a prática da leitura que vai definir de fato um clássico.

JORGE AMADO – Posse em 1961

01:10:36:25

OFF

Batizada por Paulo Coelho como “cadeira da utopia”, a poltrona 21 já havia sido chamada antes “cadeira do ecletismo”.

Mas o codinome por mais vezes associado a ela foi “cadeira da liberdade”.

Adonias Filho, seu quinto ocupante, foi um dos que valorizou essa marca.

01:11:03:04

DIOGO CUNHA – Doutor em história

Ao longo da estória da ABL, algumas figuras, alguns intelectuais, escritores, mais identificados a esquerda foram eleitos para a Academia. Quando a gente pensa na intelectualidade ou nos meios intelectuais, o que é interessante perceber é que muitas vezes divisões ideológicas, elas pesam muito menos do que redes ou laços de amizades que às vezes remontam a cinquenta anos de amizade. O exemplo clássico do que eu estou dizendo é a eleição, a recepção do Adonias Filho. Um intelectual de direita, um dos grandes escritores, o mais próximo dali da conspiração do golpe de 64, que é eleito em 65, e que pede pro Jorge Amado receber ele na Academia. Os dois vinham da Bahia, se conheceram muito jovem. No próprio discurso do Adonias, isso é interessante, do Adonias Filho, é um dos poucos discursos naquele momento, político, claramente político. Que a cadeira 21 era a cadeira da liberdade, que a Academia tinha que ser um bastião revolucionário, contra a liberdade, contra o totalitarismo soviético. Então é talvez um dos discursos mais político da estória da Academia.

Adonias Filho – Posse em 1965

01:12:38:15

OFF

“Houve quem tentasse, mesquinamente, maliciar com o fato de ser eu, velho e provado homem de esquerda, a receber-vos aqui, esta noite, devido às divergências que separam a vossa e a minha atuação política, o vosso e o meu pensamento político. Como se o fato de ser vosso adversário no terreno das

ideias políticas pudesse influir em minha opinião e em minha estima por vossa obra de romancista (...), como se não pudéssemos ser amigos de fraterna amizade pelo fato de discordarmos sobre concepções e soluções políticas.”

Discurso de recepção a Adonias Filho

Jorge Amado

01:13:27:07

DIOGO CUNHA – Doutor em história

Os jornais vão relatar aquilo. Vários jornais vão falar dessa recepção, vão falar que o governo e esquerda comungam a liberdade. Que Jorge Amado recebeu Adonis Filho, os dois defenderam a liberdade, isso em vários jornais. E vários deles falando dessa harmonia. E conseqüentemente a Academia acaba também passando, reforçando essa imagem de apoliticidade, de harmonia, de ausência de conflitos, que seria próprio do homem brasileiro.

01:14:05:01

OFF

“O espírito acadêmico, democrático na escolha dos seus membros e na imparcialidade de todos os seus debates, se reflete a sabedoria é precisamente porque adota a liberdade como norma.”

Discurso de posse na ABL

Adonias Filho

01:14:25:03

VINHETA – Estamos apresentando

01:14:43:12

VINHETA – Voltamos apresentar

01:14:51:23

OFF

O apelido de “cadeira da liberdade” não veio por acaso.

Já na fundação da ABL, a cadeira 21 acolheu uma das figuras mais importantes do movimento abolicionista no Brasil: José do Patrocínio.

01:15:10:02

ISABEL LUSTOSA – Doutora em ciências políticas

José do Patrocínio é um fenômeno típico do império. É um negro, culto, ilustrado e que tem um prestígio imenso no seu tempo, quer dizer, é o final do império, onde havia determinadas, digamos assim, passagens em que negros de talento, de uma classe até elevada, como os irmãos Rebouças, por exemplo, frequentavam a corte, tinham prestígio, enfim, algo que a república vai destruir à partir da segregação dos ex escravos. No império você tem uma coisa bastante ambígua, das relações entre patrões e escravos, e é o caso do José do Patrocínio, filho do padre com uma escrava, que o pai manda estudar na corte. Ele se forma em farmácia, mas logo é capturado, digamos assim, pela vida, pela aquela agitação da imprensa. Começa escrevendo no jornal do humorista Bordalo Pinheiro, depois ele se destaca pela qualidade do seu texto, e se destaca logo quando a campanha abolicionista começa a pegar fogo depois da Guerra do Paraguai. Aí surge o grande orador dos **XXXX**, das praças, etc. Aí, ele cria o renome que vai dar a ele um prestígio que ele levará até o começo do século vinte.

01:16:35:16

OFF

“Os chicotes bateram sem dó nas costas da feiticeira, como as varas fortes sobre as vagens maduras do feijoal. O sangue já corria, mas o castigo não parava. O filho dos brancos, criado por Balbina, o filho dos brancos querido por Balbina como seu, estava amarelo e magro; o doutor cansou de tratar, não sabia a moléstia. É feitiço da escrava, diziam todos. O pai queria vingar o seu filho e não teve dó de Balbina, que não chorava porque tinha ódio só, e não sentia que a iam matando.”

Mota Coqueiro ou A pena de morte

José do Patrocínio

01:17:31:09

ISABEL LUSTOSA – Doutora em ciências políticas

José do Patrocínio que tinha começado na imprensa ainda na década de setenta, vai ter uma atuação importante na Gazeta da Tarde, depois criar o seu jornal na cidade do Rio de Janeiro. Na república, depois da abolição ele vai ter uma atuação bastante questionada à partir da criação da Guarda Negra. O que acontece? José do Patrocínio que tinha identidade com os republicanos passa a ser um defensor ardoroso da Princesa Isabel. Daí o nome “a redentora”, daí toda uma ação da Guarda Negra, que juntava uma população de cor, alguns intelectuais, arruaceiros, que passou a atacar os comícios republicanos. Então essa ação anti republicana do José do Patrocínio vai pesar contra ele quando a república se proclama em 15 de novembro, e ele adere em seguida. Ele era originalmente um republicano que por causa da abolição tinha sido tomado pelo entusiasmo pela Princesa Isabel, que seria a nossa Imperatriz. Depois disso na república ele faz um jornal, o “Cidade do Rio de Janeiro”, simpático ao Deodoro e depois vai ser um adversário ferrenho do Marechal Floriano Peixoto, por isso vai ser, como se diz, exilado no Amazonas. Aqui nessa época tinha esses exílios para lugares distantes que fica longe do Rio era um exílio pra qualquer um que tinha sido criado aqui. E ele morre relativamente pobre. Apesar desse prestígio, como sempre depois da morte essa consagração, a própria entrada dele na Academia foi uma coisa que associou definitivamente o nome dele a uma elite intelectual brasileira.

01:19:18:05

OFF

O tom humanista presente na obra e na famosa oratória de José do Patrocínio faz eco com o trabalho de outro nome que sentou na cadeira 21.

O dramaturgo e novelista Dias Gomes lega, com suas criações, a crítica social tenaz, o humor corrosivo, e personagens inesquecíveis.

01:19:46:04

JOÃO ROBERTO FARIAS – Doutor em literatura

O Dias Gomes é um escritor dramático curioso. Porque quando ele escreveu “O pagador de promessas”, ele já tinha 38 anos de idade. Ele não era um mocinho. Ele teve uma carreira como autor dramático anterior ao “O pagador de promessas” que ele meio que renegava, porque ele muito cedo, ele foi contratado pelo Procópio Ferreira para escrever peças para a companhia do Procópio Ferreira. E nessas peças, como ele tinha que escrever para um ator, ele tinha que criar papéis em que aquele ator pudesse representar bem. Então ele não tinha, digamos assim, uma total liberdade para escrever a sua dramaturgia. Quando ele escreveu “O pagador de promessas” foi uma revelação de um novo autor

dramático. O Dias Gomes nasceu uma segunda vez quando escreveu “O pagador de promessas”. E é uma peça notável em todos os sentidos. Porque ela tem uma sensibilidade para mostrar as diferenças entre o Brasil do campo e o Brasil da cidade, que impressionou, assim, a todos quando a peça foi montada e depois quando foi feito o filme em 62. Você tem um envolvimento do personagens pelos mecanismos, digamos assim, da cidade, que vão sufocando esse personagem até a sua explosão no final, que leva a uma tragédia. Então, é uma peça muito bonita, muito humana porque traz o personagem de que é, como também chamou Renato Rosenfeld, “o herói humilde”.

Dias Gomes – Posse em 1991

01:21:34:03

OFF

“- Não, nesse negócio de milagres, é preciso ser honesto. Se a gente embrulha o santo, perde o crédito. De outra vez o santo olha, consulta lá os seus assentamentos e diz: - Ah, você é o Zé-do-Burro, aquele que já me passou a perna! E agora vem me fazer nova promessa. Pois vá fazer promessa pro diabo que o carregue, seu caloteiro duma figa! E tem mais: santo é como gringo, passou calote num, todos os outros ficam sabendo.”

O pagador de promessas

Dias Gomes

01:22:10:01

JOÃO ROBERTO FARIAS – Doutor em literatura

O Dias Gomes acreditava muito no engajamento político do escritor. Ele tem um texto chamado exatamente “Teatro engajado”, que ele na Revista Civilização Brasileira, em 68, e que ele defende essa postura de que o teatro tem que ter uma função crítica, de denúncia das iniquidades dos capitalismo, das diferenças sociais, e ele escreve várias peças nesse sentido. Por outro lado, ele também escreve peças de contra posição à ditadura, “O berço do herói”, por exemplo, que é uma peça que foi proibida em 65, porque colocava como personagem central um soldado da FEB, que era tido como herói na sua cidadezinha e na verdade era um desertor. Ele escreve uma peça também, muito importante na época chamada “O santo inquérito”, isso é nos anos sessenta, em que você tem uma personagem vivendo no Brasil colônia e submetida aos interrogatórios e a tortura da inquisição. Então a ligação com a situação brasileira era direta, porque nós vivíamos também nua situação de ditadura. Ao mesmo tempo, o Dias Gomes tem uma ligação muito forte com a cultura popular brasileira. E uma das peças que ele escreve nesse momento é uma peça chamada “O bem amado”, em que ele cria o personagem que é o prefeito corrupto, que quer inaugurar o cemitério e não tem cadáver, e que vai virar depois uma série de televisão muito bem sucedida com o Paulo Gracindo fazendo um extraordinário Paraguaçu. Eu acho que a comunicabilidade que ele consegue e o convencimento de que aqueles personagens que ele cria são personagens que nós podemos encontrar na rua, encontrar nas cidades e assim por diante. Claro que você tem a esterilização cômica, o exagero, a caricatura. Mas quando você assiste a série “O bem amado”, aquele político, o Odorico Paraguaçu, ele é um personagem que nos lembra todos os outros políticos brasileiros que se pautam pela demagogia, pelo, assim, pelo discurso vazio. O Dias Gomes é muito feliz na escolha do vocabulário dos discursos do Odorico Paraguaçu, porque é aquela retórica vazia, e que por ser vazia se torna cômica. Então essa comunicabilidade, essa graça que ele consegue dar ao personagem é que faz o sucesso das suas criações, eu acredito.

01:24:20:05

OFF

“Botando de lado os entretantos e partindo pros finalmente, é uma alegria poder anunciar que prafrentemente vocês já poderão morrer descansados, tranqüilos e desconstrangidos, na certeza de que vão ser sepultados aqui mesmo, nesta terra morna e cheirosa de Sucupira. E, quem votou em mim, basta dizer isso ao padre na hora da extrema-unção, que tem enterro e cova de graça, conforme o prometido.”

O bem amado

Dias Gomes

VIDEOGRAFISMO

Cadeira 21

Patrono – Joaquim Serra

Fundador – José do Patrocínio

Mário de Alencar

Olegário Mariano

Álvaro Moreyra

Adonias Filho

Dias Gomes

Roberto Campos

Atual – Paulo Coelho